



FLORBELA ESPANCA: O “SER MULHER” NA RESIGNAÇÃO E NA TRANSGRESSÃO PELO DESEJO. POR UMA SOCIOLOGIA DA ESCRITA FEMININA

Vívian Matias dos SANTOS¹
Antonio Crístian Saraiva PAIVA²

RESUMO: Os paradoxos inerentes ao feminino e à feminilidade aparentam ser elementos que “enviesam” toda a obra de Florbela Espanca (1894-1930). Especificamente em sua poesia, a afirmação e a negação do “ser mulher” transita do êxtase erótico e libertário ao profundo lamento e resignação. Assim, o objetivo deste ensaio é compreender como Florbela percebe a mulher e o ser mulher em sua poesia. Opto por realizar tal incursão a partir de uma abordagem sociológica sustentada por uma análise que tenta dialogar a trajetória da escritora através de sua obra autobiográfica. Para tanto, faz necessário a compreensão desta no campo literário de sua época, e, particularmente, da possibilidade de sua inserção neste campo como escritora que tem como marca a transgressão da então tradicional escrita feminina.

Palavras-chave: Florbela Espanca. Mulher. Campo literário. Dominação masculina.

1 TRAJETÓRIA TRANSPOSTA EM VERSOS

Sou uma céptica que crê em tudo, uma desiludida cheia de ilusões, uma revoltada que aceita, sorridente, todo o mal da vida, uma indiferente a transbordar de ternura. Grave e metódica até à mania, atenta a todas as sutilezas dum raciocínio claro e lúcido, não deixo, no entanto, de ser uma espécie de D. Quixote fêmea a combater moinhos de vento, quimérica e fantástica, sempre enganada e sempre a pedir novas mentiras à vida, num dar de mim própria que não acaba, que não desfalece, que não cansa (Florbela ESPANCA, Cartas, s.d.).

A portuguesa Florbela D’Alma da Conceição Espanca nasceu na madrugada de 8 de dezembro de 1894 em Vila Viçosa (Alentejo). Proveniente de um relacionamento

¹ Mestra em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), doutoranda em Sociologia na Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS) da UFC. Também atua como pesquisadora da UECE no Grupo de Gênero, Família e Geração nas Políticas Sociais, bem como do Laboratório de Direitos Humanos Cidadania e Ética (LABVIDA). E-mail: vivianmsa@yahoo.com.br

² Doutor em Sociologia e professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC). É pesquisador coordenador no Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS) do referido departamento.



extra-conjugal do republicano João Maria Espanca, foi registrada como filha ilegítima de pai incógnito (DAL FARRA, 2005), muito embora tenha sido criada pelo pai biológico e por sua esposa - madrinha de batismo de Florbela – desde o seu nascimento.

Uma mulher que passou *a vida a amar e a esquecer* (ESPANCA, 1923), atravessou três casamentos mal-sucedidos por não dar conta dos seus anseios. Ou melhor, mergulhou em relações amorosas cujos “investimentos”, nos termos de Bauman (2004)³, foram demasiadamente altos para não obter o retorno desejado. Florbela deixa isso claro em uma de suas cartas escritas para o seu irmão Apeles Espanca, a quem dedicava um amor fraternal tido como “fora do comum” (GALVÃO, 2004):

Sofri todas as humilhações, suportei todas as brutalidades e grosserias, resignei-me a viver no maior dos abandonos morais, na mais fria das indiferenças, mas um dia chegou em que eu me lembrei da vida que passava, que a minha bela e ardente mocidade se apagava, que eu estava a transformar-me na mais vulgar das mulheres, e por orgulho, e mais ainda por dignidade, olhei de frente, sem cobardias nem fraquezas, o que aquele homem estava a fazer da minha vida, e resolvi liquidar tudo simplesmente, sem um remorso, sem a mais pequena mágoa.⁴

Além dos três divórcios, adultérios também marcaram sua vida amorosa. Muito embora tenha afirmado: “[...] contento-me em desprezar quase todos, odiar alguns, estimar raros e **amar um**” (ESPANCA, Cartas, s.d. grifos nossos), a poetisa acaba se confrontando com a moral sexual de sua época, tendo sido comentado a seu respeito supostos envolvimento em relacionamentos homossexuais, e até incesto, devido ao amor por seu irmão por várias vezes exaltado (GALVÃO, 2004).

A obrigação de procriar como um fardo das mulheres (BOZON, 2004) encontrava na moralidade de sua época e sociedade uma relevância bem maior do que podemos encontrar no Ocidente dos nossos dias. Neste aspecto, a mesma mulher de reputação duvidosa era aquela que se descontentava por não ter exercido um papel naturalizado como feminino. No poema “Filhos”, de 1916, ressalta, inclusive, o “mito do amor materno”⁵, ou melhor afirma o amor pelos filhos como algo não somente natural, mas que chega a ser divino:

³ “Um relacionamento, [...] é um investimento como todos os outros: você entrou com tempo, dinheiro, esforços que poderia empregar para outros fins, mas não empregou, esperando estar fazendo a coisa certa e esperando também que aquilo que perdeu ou deixou de desfrutar acabaria, de alguma forma, sendo-lhe devolvido com lucro” (BAUMAN, 2004, p.28).

⁴ Carta de Florbela Espanca ao irmão Apeles Espanca com o carimbo do correio de 29 de dezembro de 1923.

⁵ Ver: BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.



Filhos são as nossas almas,/ Desabrochadas em flores;/ Filhos, estrelas caídas/ No fundo das nossas dores! [...] Filhos, aves que chilreiam/ No ninho do nosso amor,/ Mensageiros da felicidade/ Mandados pelo senhor! [...] Filhos, sonhos adorados,/ Beijadas que nascem de risos;/ Sol que aquece e dá luz/E se desfaz em sorrisos! [...] Em todo o peito bendito/ Criado pelo bom Deus,/ Há uma alma de mãe/ Que sofre p'los filhos seus! [...] Filhos! Na sua alma casta,/ A nossa alma revive.../ Eu sofro pelas saudades/ Dos filhos que nunca tive!...

Podem-se observar os paradoxos de se compreender a trajetória de uma mulher como Florbela. Mesmo em muitos momentos sendo transgressora no conteúdo de sua escrita, não manifestava interesse pela política ou pelos problemas sociais (GALVÃO, 2004) afirmando-se conservadora (GALVÃO, 2004). Isso “leva a crer muito provavelmente, num viver que nos fatos se coadunará e não se distanciará dos conceitos morais e sociais vigentes” (GALVÃO, 2004). Mas de fato, teria Florbela se adequadado tão firmemente aos anseios de seus tempos?

1.1 Liquidez desejada ou vivenciada?

Mesmo dizendo-se conservadora, algo na poesia de Florbela despertou resistências. Diria, inclusive que não somente em sua poesia, mas em sua vida constituída por atitudes condenáveis para as mulheres portuguesas do final do século XIX e início do XX.

Estou a divorciar-me e para me casar novamente, se a lei me permitir, ou para viver assim, se a moralidade do Código o exigir. [...] Tudo quanto me digas não é a décima parte do que eu me tenho dito. Pensei na sociedade, pensei na família, nos amigos, e principalmente em ti, mas que queres? Eu não podia sacrificar-me a isso tudo que é muito, mas que nada é comparado a isto que eu sinto e que eu antes queria morrer do que perder. Por isso não me digas nada, para quê? Pensa de mim o que quiseres, que eu estou disposta a aceitar tudo contanto que uns olhos me vejam sempre a melhor, a única entre todas as outras. Que importa o resto? Para ti serei sempre a mesma, a irmã muito amiga de quem podes dispor em toda a minha vida; para os outros morri; que me enterrem em paz, que não pensem mais em mim e é tudo o que eu desejo (Florbela ESPANCA, Cartas, 29 dez. 1923).

Em uma época onde a sociedade cultuava a solidez das estruturas de forma geral, a poetisa anuncia por meio de uma enxurrada de versos, uma realidade fluida (BAUMANN, 2004), onde as relações humanas, em especial as amorosas, não são eternas. Em sua vida, os amores vêm e vão, destruindo-a e refazendo-a, escritos sob o título da “Inconstância” (1923):



Procurei o amor, que me mentiu. / Pedi à vida mais do que ela dava; / Eterna sonhadora edificava / Meu castelo de luz que me caiu! [...]
Tanto clarão nas trevas refulgiu, / E tanto beijo a boca me queimava! /E era o sol que os longes deslumbrava / Igual a tanto sol que me fugiu! [...] **Passei a vida a amar e a esquecer...** / Atrás do sol dum dia outro a aquecer / As brumas dos atalhos por onde ando... [...] **E este amor que assim me vai fugindo / É igual a outro amor que vai surgindo, / Que há-de partir também... nem eu sei quando...** (Grifos nossos).

Parte-se do pressuposto de que os relacionamentos amorosos por certo terão seu fim. Em uma sociedade marcadamente católica, a negação do “até que a morte os separe” pode soar como desencanto advindo de uma poetisa maldita. O que hoje pode nos aparecer como liberdade, própria de uma mulher supostamente emancipada e erudita, outrora transgredia valores sacramentados. É o que se pode observar em sua poesia “Amar!” (ESPANCA, 1931, póstuma):

Eu quero amar, Amar perdidamente! / Amar só por amar: Aqui...além... / Mais Este e Aquele o outro e toda a gente... / Amar! Amar! E não amar ninguém! [...] Recordar? Indiferente!... / **Prender ou desprender? É mal? É bem? / Quem disser que se pode amar alguém/ durante a vida inteira é porque mente!** [...] Há uma primavera em cada vida: / É preciso cantá-la assim florida, / Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar! [...]E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada / Que seja a minha noite uma alvorada, / **Que me saiba perder...Pra me encontrar...** (Grifos nossos).

Neste soneto, contudo, nota-se muito mais um desejo de conseguir vivenciar as possibilidades românticas que lhe surgiam sem esperar delas a segurança que a promessa de eternidade proporcionaria. Florbela mesmo permitindo-se ter envolvimento dentro e fora de seus casamentos, não manipulava “a arte de romper o relacionamento e dele emergir incólume – com poucas [...] feridas infeccionadas [...]” (BAUMAN, 2004, p.39).

Deste modo as desilusões amorosas (bem como a morte de seu irmão) mostram-se em sua obra como elementos fortemente definidores de sua trajetória, estando, para muitos estudiosos, diretamente conectadas à sua morte. Estes traços de sua existência agravaram-se ainda mais ao associarem-se à sua doença –a mesma de sua mãe- “Neurastenia” (1919), que deu nome à seguinte poesia:

Sinto hoje a alma cheia de tristeza! / Um sino dobra em mim, Ave-Marias! / Lá fora, a chuva, brancas mãos esguias, / Faz na vidraça rendas de Veneza...[...] O vento desgrenhado, chora e reza / Por alma dos que estão nas agonias! / E flocos de neve, aves brancas, frias, / Batem as asas pela Natureza...[...]Chuva... tenho tristeza! Mas porquê?! / Vento... tenho saudades! Mas de quê?! / Ó neve que destino triste o



nosso! [...] Ó chuva! Ó vento! Ó neve! Que tortura! Gritem ao mundo inteiro esta amargura,/ Digam isto que sinto que eu não posso!!...

Florbela vivenciou um crescente processo de melancolia⁶, suicidando-se na noite de seu aniversário de trinta e seis anos⁷. Morte anunciada em seu diário, encerrado com a frase “e não haver gestos novos nem palavras novas!” (ESPANCA, 1930 *apud* DAL FARRA, 2005).

2. SOCIOLOGIA DE UMA ESCRITORA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Estou cansada, cada vez mais incompreendida e insatisfeita comigo, com a vida e com os outros. Diz-me, porque não nasci igual aos outros, sem dúvidas, sem desejo de impossível? E é isso que me faz sempre desvairada, incompatível com a vida que toda a gente vive... (Florbela ESPANCA, Cartas, s.d.)

A tentativa de compreender a obra da poetisa é também adentrar pelos caminhos trilhados em sua trajetória, tendo-a como um *agente singular do campo literário* de sua época (BOURDIEU, 1996).

2.1. Trajetória individual e o campo literário de uma época

A forma de existência do campo literário é marcada pela complexidade daquelas relações estabelecidas entre sua estrutura interna e as pressões externas. Estas últimas consistem na maneira como o campo da literatura se relaciona com os demais campos e, mais amplamente, com as conjunturas nas quais estão situados os seus respectivos sistemas simbólicos⁸.

São os agentes sociais de um campo que “criam o espaço [...], e o espaço só existe (de alguma maneira) pelos agentes e pelas relações objetivas entre os agentes que aí se encontram” (BOURDIEU, 2004, p.23).

Paradoxalmente este campo é estruturado a partir da posição que tais agentes

⁶ Alguns estudos realizados na área da psicologia diagnosticam, a partir da obra de Florbela, a neurose como o “mal” que marcou sua trajetória e sua obra. Sobre este assunto ver: CRAVEIRO, Lídia. Florbela, Espanca, uma vida perdida na neurose. IN: *O portal dos psicólogos*. 06 out. 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/TL0065.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2009.

⁷ O suicídio de Florbela foi socialmente manipulado, visto que, oficialmente, um edema pulmonar foi apresentado como a causa de sua morte em dezembro de 1930 em Matosinhos.

⁸ “É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os <<sistemas simbólicos>> cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação (...)” (BOURDIEU, 2007, p.11).



ocupam em sua dinâmica, e esta posição não é escolhida por eles mesmos. A *grosso modo*, a estrutura do campo literário, vai ser determinada pela distribuição de capital entre os seus agentes que podem ser instituições ou indivíduos.

Por sua vez, indivíduos e instituições têm um poder estruturante no interior do campo literário a partir da posição por estes ocupada. Tal posição é determinada e também determinante da acumulação de capital. O acúmulo de capital, e, conseqüentemente, de posições hierarquicamente mais elevadas, vai depender de como tais agentes têm seus trabalhos conhecidos pela comunidade científica, se são reconhecidos, consagrados, ou não.

Mas, ao mesmo tempo em que o reconhecimento de certos agentes estrutura o campo da literatura, a estrutura também exerce uma influência considerável sobre o processo de conhecimento e reconhecimento dos agentes. Ou seja, neste espaço, a consagração de certas instituições (como as academias de letra) e escritores, se por um lado dão formas à estrutura da literatura, por outro, tal estrutura exerce pressão sobre a acumulação de capital destes agentes.

A *ação* dos agentes e a *estrutura* do campo, ambos têm influência decisiva para a construção da realidade e, portanto, este duplo aspecto deve ser levado em consideração em suas múltiplas relações. Talvez este seja um ponto interessante para pensar como Bourdieu contribuiu para uma abordagem sociológica do campo literário que tente romper com um problema persistente representado pelas reflexões dicotômicas que pairam como um espectro nas ciências sociais:

Persistem entre eles (sociólogos) desacordos fundamentais, mas há um princípio fundante em relação ao qual todos estão de acordo: a micro e a macroteoria são igualmente insatisfatórias; ação e estrutura precisam ser agora articuladas (ALEXANDER, 1986, p.5).

Para pensar essa articulação entre indivíduo e sociedade em termos boudieusianos, entre escritor e campo literário, deve-se entender de forma intrínseca ao campo a noção de *habitus* (BOURDIEU, 1996), ou seja, as disposições, as tendências de ação que possuem um agente pertencente a um determinado campo.

Os escritores devem ser percebidos como agentes do campo literário que, para serem reconhecidos neste espaço, devem agir de acordo com as regras e as normas que são ao mesmo tempo estruturadas e estruturantes da Literatura. Neste sentido é relevante saber que “uma das funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade



de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes [...]. Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas” (BOURDIEU, 1996, p.21-22).

É próprio do campo literário um *habitus* específico. Os *habitus* são “operadores de distinções” (BOURDIEU, 1996, p. 22). Busca-se esta distinção. Escritores buscam estabelecerem-se no cânone literário, agindo de forma a se diferenciarem entre eles mesmos. Há uma incessante luta por acumulação de capital, ou seja, por reconhecimento e consagração.

Todavia o *habitus* literário, como maneiras de ser duráveis, podem também levar os agentes a se oporem às forças de um campo. Ou seja, neste conceito bourdieusiano reside a possibilidade de transformação da realidade. As posições que os agentes ocupam na estrutura do campo dependem de seu capital, desenvolvendo estratégias que dependem, sobretudo, dessas posições (BOURDIEU, 2004, p. 29).

As *tomadas de posição* (BOURDIEU, 1996) encontram seus limites nas disposições. escritores podem modificar a estrutura do campo científico, mas dentro dos limites de sua trajetória na Literatura e, por que não dizer, fora dela.

2.2 Florbela, campo literário e dominação masculina

Pesquisar literatura feita por mulheres e situá-la na constituição do campo literário significa realizar análises para além do cânone (XAVIER, 1999). A maior profundidade destes estudos depende, sobretudo de considerar suas peculiaridades. Neste sentido, o *gênero* surge como uma categoria analítica indispensável. Seja o gênero compreendido como “*habitus* sexuado” (BOURDIEU, 2005), ou como uma construção social imposta sobre o corpo sexuado e que pode ser considerado um primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1990; 2002).

A percepção de que o gênero como categoria transversal pode ser utilizada também nos estudos do campo literário permite questionar “categorias consideradas, até então, indiscutíveis, tais como – poder, valor, hierarquia e mediação crítica – responsáveis pela canonização de uns e pela exclusão de outros” (XAVIER, 1999, p.15).

A análise da obra de Florbela Espanca no campo literário necessita lembrar de sua condição de *agente singular*, que possuía um *habitus* que entrecruzava múltiplas dimensões, tal como a sua condição de mulher inserida num campo onde se



expressavam e se teciam relações balizadas pela lógica da *dominação masculina*, que dentre outras questões, fez com que a poetisa, assim como outras mulheres agentes deste campo, não fossem reconhecidas por sua obra permanecendo durante muito tempo relegadas ao silêncio e à escuridão.

Algumas posturas de Florbela transgrediam o que a sociedade de sua época esperava de uma mulher. Sua trajetória teve influência decisiva no desprezo dado pelos agentes dominantes no mundo literário. Neste sentido pode-se notar o quanto um campo, não sendo totalmente autônomo, sofre influências externas, podendo reafirmar preconceitos tidos muitas vezes como próprios do senso comum, mas que delineiam de forma acentuada as estruturas de um espaço onde operam mecanismos de distinção que tentam afirmá-lo como um lugar à parte, um lugar de elevado “capital cultural” (BOURDIEU, 1996).

Até a data de sua morte, havia sido ignorada pelo público leitor e pela crítica, tendo somente publicado às suas custas duzentos exemplares para cada um de seus escritos *Livro das Mágoas*, 1919, e *Sóror Saudade*, 1923. Desta forma, surgem questionamentos ao nos reportarmos à Florbela, sua vida e sua obra. Trata-se da luta entre adaptar-se às estruturas de um campo literário e, por que não dizer da sociedade de forma mais ampla, ou resistir a estas mesmas estruturas. Adequar-se ou transgredir? Compor e tomar para si mesma um *habitus* atinente a uma lógica da dominação masculina (BOURDIEU, 2005)? Ou transgredir de forma a desconstruir as estruturas de um campo onde aparentemente Florbela seria somente mais uma dentre tantas inexpressivas escritoras mulheres?

3 SER MULHER: A RESIGNAÇÃO ANGUSTIADA?

Eu odeio os felizes, sabes? Odeio-os do fundo da minha alma, tenho por eles o desprezo e o horror que se tem por um réptil que dorme sossegadamente. Eu não sou feliz mas nem ao menos sei dizer porquê. (...) Fizeram-se ruínas todas as minhas ilusões, e, como todos os corações verdadeiramente sinceros e meigos, despedaçou-se o meu para sempre. Podiam hoje sentar-me num trono, canonizar-me, dar-me tudo quanto na vida representa para todos a felicidade, que eu não me sentiria mais feliz do que sou hoje (ESPANCA, Cartas, s.d).

Reconhecida por sua contribuição literária somente após a sua morte, em vida a poetisa viu-se emaranhada em sentimentos, desejos e vivências contraditórias. Há uma vontade de “ser como os outros”, como as outras mulheres de seu tempo, mas isso não



lhe bastava. Sua “sede de infinito” penetrou sua obra e sua existência.

Indispensável para entender com maior profundidade os paradoxos que envolveram vida e obra de Florbela, é tentar desvendar, ao menos aproximadamente, como esta percebia a mulher e o ser mulher. Neste aspecto, uma suposta tensão se anuncia em sua poesia “A mulher” escrita entre os anos 1915-1917:

I - Um ente de paixão e sacrifício, / De sofrimento cheio, eis a mulher! / Esmaga o coração dentro do peito, / E nem te doas coração, sequer! [...] Sê forte, corajoso, não fraquejes / Na luta: sê em Vênus sempre Marte; / Sempre o mundo é vil e infame e os homens / Se te sentem gemer hão-de pisar-te! [...] Se à vezes tu fraquejas, pobrezinho, Essa brancura ideal de puro arminho / Eles deixam pra sempre maculada; [...] E gritam então vis: "Olhem, vejam / É aquela a infame!" e apedrejam / a pobrezita, a triste, a desgraçada!

II - Ó Mulher! Como é fraca e como és forte! / Como sabes ser doce e desgraçada! / Como sabes fingir quando em teu peito / A tua alma se estorce amargurada! [...] Quantas morrem saudosas duma image / Adorada que amaram doidamente! / Quantas e quantas almas endoidecem / Enquanto a boca ri alegremente! [...] Quanta paixão e amor às vezes têm Sem nunca o confessarem a ninguém / Doces almas de dor e sofrimento! [...] Paixão que faria a felicidade Dum rei; amor de sonho e de saudade, Que se esvai e que foge num lamento!

Surge um feminino que paradoxalmente é de Vênus, ou seja, imagem mitificada do amor e da beleza, mas, que deve ser ao mesmo tempo Marte, deus da guerra sangrenta. Isso explicita uma tensão muito mais profunda do que delinea a “ilusão biográfica” constante em sua obra.

Aparentemente, há uma vontade de adequar-se ao que se espera de uma mulher de seu tempo, de seu espaço. Reafirmando os estereótipos que constituem o feminino como algo menos racional e mais preso aos afetos, às paixões. Percebe o sofrimento e a angústia como traços de um ente que amarga o sabor de ser o que é e, mais do que isso, resigna-se à dor como algo inevitável.

É preciso força e coragem para suportar a condição de sentir e viver um “mundo vil e infame” de maneira intensa. Aparentemente, em sua poesia, o sentimento surge como algo que lança os alicerces da subordinação feminina, ou melhor, de uma dominação masculina que chega a ser violenta, nos termos de Bourdieu:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, [...] que se exerce [...] pelas vias [...], em última instância, **do sentimento** (BOURDIEU, 2005, p. 7-8).



Contudo, se o sentimento costuma ser percebido como o alicerce da dominação masculina, vale dizer que a utilização dos temas vinculados ao amor, bem como o uso de uma voz feminina que se reconhece subordinada, podem ser vistos como estratégias próprias das mulheres ao tentarem se inserir no campo literário (ALVES, 1999). Bourdieu afirma neste âmbito que dependendo da posição ocupada, as estratégias de ação de um agente são diferenciadas.

Essas estratégias orientam-se seja para a conservação da estrutura seja para a sua transformação, e pode-se genericamente verificar que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorecida na estrutura, mais elas tendem a conservar ao mesmo tempo a estrutura e a sua posição, nos limites, no entanto, de suas disposições (isto é, de sua trajetória social, de sua origem social) que são mais ou menos apropriadas à sua posição (BOURDIEU, 2004, p. 29).

Os dias vividos por Florbela coincidiu, em parte, com o período compreendido entre 1870 e 1910, “que sintomaticamente corresponde ao período de repressão dos sentimentos na era vitoriana” (ALVES, 1999). A análise da produção literária feminina neste período permite perceber como essas mulheres investiram fortemente contra estes interditos.

Muitas, senão maior parte das obras de autoria feminina deste período, não insinuavam explicitamente nenhuma manifestação ou reivindicação pela mudança do status da mulher na sociedade ou, especificamente na Literatura. Era hábito destas escreverem paratextos que demonstrassem a ausência de intenção de ameaçar o domínio masculino.

(...) essas escritoras constituíram estratégias que podiam ser lidas como posições de humildade, embora, atualmente possam ser interpretadas radicalmente ao inverso, ou melhor, podem ser tomadas como plataformas de estratégias a fim de penetrar sutilmente no espaço público e aí permanecer (ALVES, 1999, p.109).

Entretanto, mesmo reafirmando estereótipos e reconhecendo a condição de subordinação da mulher como um ser “doce e desgraçado”, a busca pela percepção florbeliana do que é ser mulher parece ser muito mais complexa do que pode supor teorias sobre uma dominação simbólica ou sobre a fluidez das relações amorosas.

3.1. A busca de um “eu erótico”: transgressão pelo corpo como “pulsão libertadora”

Existem outros elementos essenciais para adentrar em seu pensamento. Erótica,



a transgressão pelo corpo percorre sua poesia, dentre outros aspectos, como “pulsão libertadora”. Este aspecto é bastante perceptível em seu livro “Charneca em Flor”, publicado postumamente em 1931.

Nesta obra, em poesias como “Toledo”, explicita-se o erotismo quando escreve: “[...] As tuas mãos tateiam-me a tremer.../ Meu corpo de âmbar, harmonioso e moço,/ É como um jasmineiro em alvoroço/ Ébrio de sol, de aroma, de prazer!” (ESPANCA, 1931). No entanto, em “Volúpia” que esta característica de sua produção poética aparece mais enfaticamente vinculada ao seu eu, ao seu corpo:

No divino impudor da mocidade,/ Nesse êxtase pagão que vence a sorte,/ Num frêmito vibrante de ansiedade,/ Dou-te o meu corpo prometido à morte! [...] A sombra entre a mentira e a verdade.../ A núvem que arrastou o vento norte.../ — Meu corpo! Trago nele um vinho forte: Meus beijos de volúpia e de maldade! [...] Trago dalias vermelhas no regaço.../ São os dedos do sol quando te abraço,/ Cravados no teu peito como lanças! [...] E do meu corpo os leves arabescos/ Vão-te envolvendo em círculos dantescos/ Felinamente, em voluptuosas danças...

O erotismo permeia fortemente a poética de Florbela. Este traço não é pertencente somente à sua obra, mas é uma característica da produção literária de muitas escritoras do início do século XX. Nos fins do século XIX, permeava a literatura feminina uma “mesmice” consolidada a partir da recorrência de temas como a “convencional graça feminina, ingênua e casta, lamentos de amor não correspondidos etc.” (COELHO, 2009).

A poesia florbeliana surge quebrando a “mesmice” de uma escrita de autoria feminina vista até então como o “sorriso da sociedade”. “Contra o panorama dessa “mesmice” (resultante da pacífica submissão da mulher aos cânones que a sociedade lhe impunha), que vão se fazer ouvir as primeiras vozes transgressoras, - as que expressam um **eu** que se busca como dono de sua própria verdade” (COELHO, 2009, p.1). Uma dentre estas vozes é a de Florbela Espanca, que na busca de conhecimento de seu próprio eu, encontra bases para uma escrita desafiadora. Pode-se observar esta busca na poesia “Eu” publicada postumamente em 1931:

Até agora eu não me conhecia, / julgava que era Eu e eu não era/ Aquela que em meus versos descrevera/ Tão clara como a fonte e como o dia. [...] Mas que eu não era Eu não o sabia / mesmo que o soubesse, o não dissera.../ Olhos fitos em rútila químera/ Andava atrás de mim... e não me via! [...] Andava a procurar-me - pobre louca!/ E achei o meu olhar no teu olhar,/ E a minha boca sobre a tua boca! [...] E esta ânsia de viver, que nada acalma,/ E a chama da tua alma a esbrasear/ As apagadas cinzas da minha alma!



É buscando um eu incompreendido por si e pelos outros, que este se tornou um tema recorrente em sua obra, como pode ser observado na outra poesia de mesmo título, escrita em 1919.

Eu sou a que no mundo anda perdida,/ Eu sou a que na vida não tem norte,/ Sou a irmã do Sonho, e desta sorte/ Sou a crucificada... a dolorida... [...] Sombra de névoa tênue e esvaecida, / E que o destino amargo, triste e forte,/ Impele brutalmente para a morte!/ Alma de luto sempre incompreendida!... [...] Sou aquela que passa e ninguém vê.../ Sou a que chamam triste sem o ser.../ Sou a que chora sem saber por quê... [...] Sou talvez a visão que Alguém sonhou,/ Alguém que veio ao mundo pra me ver,/ E que nunca na vida me encontrou!

O mal-estar florbeliano parece, a partir desta poesia, ter uma conexão direta com a sua sensação de ser “sempre desvairada, incompatível com a vida que toda a gente vive” (ESPANCA, s.d.). Nota-se a predominância do sentimento finissecular da dor, da frustração existencial, que se revelam de maneira complexa em sua obra:

“Narcisismo, donjuanismo, hermafroditismo” (José Régio) são os rótulos que têm definido a poética de Florbela. Na verdade, nela podemos ver a mais clara expressão da “mulher fatal”: a que se ama no amor que o amante tem por ela, -a do **eu** que seduz o **outro**, para neste encontrar a sua própria imagem sendo amada. A poesia de Florbela expressa, em essência, a paixão que ela nutria por si mesma e a dor de não ser reconhecida em sua grandeza. E a tal ponto foi essa paixão que, vendo frustrados os caminhos de realização dessa ânsia, desiste de viver e se suicida. Sua poesia é daquelas em que a psique do poeta é a própria matéria poética (COELHO, 2009, p. 1).

Inúmeras questões sempre me inquietaram como leitora: Florbela teria a intenção de propor uma emancipação feminina, ou apenas precisava sangrar nas palavras as suas angustias, medos e vontades? Sua trajetória transposta nos seus versos delineia uma espécie de proto-feminista? Até que ponto foi transgressora na sua trajetória como mulher, e como mulher escritora?

A intenção deste ensaio foi defender que para construir possíveis respostas a indagações desta natureza é necessário entrecruzar a obra e trajetória de Florbela Espanca, tal como é proposto por Bourdieu ao afirmar que: “diferentemente das biografias comuns, a trajetória descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário” (1996, p.71).

Compreender a trajetória de Florbela é entender a inserção de um agente singular num campo literário onde possivelmente se contrapôs diante de uma hegemonia masculina. Entretanto, teorias tais como a bourdieusiana dão conta da



complexidade que compõe a produção literária de uma escritora? De que maneira adentrar nas entrelinhas e perceber como a poetisa na medida em que é autobiográfica, nega a si mesma? A tensão delineada entre a afirmação e negação de si seria de fato uma negação da condição feminina de seu tempo e espaço?

O estudo sobre Florbela Espanca aparentemente revela não somente sua obra e trajetória, mas luzes para iluminar os emaranhados caminhos pelos quais mulheres adentraram na literatura, conseguindo ou não reconhecimento.

Abstract: The paradoxes inherent to the feminine and femininity pretend to be elements that permeate all the literary production of Florbela Espanca (1894-1930). Specifically in her poetry, the affirmation and negation of “being woman” transits from the erotic and libertarian ecstasy to deep lament and resignation. Therefore, this article objective is to understand Florbela’s perception about woman and “being woman” in her poetry. I choose to make this incursion up to a sociological approach sustained by an analysis that tries to dialogue with the writer’s path through her autobiography book. So, it is necessary the comprehension of Espanca’s production in the literary field of her time, and particularly, the possibility of her inclusion in this field as a female writer, who is marked by the transgression of the traditional feminine writing.

Keywords: Florbela Espanca. Woman. Literary Field. Male Domination.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, J. C. *O novo movimento teórico*. In: X ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, Campos do Jordão, SP, 1986.

ALVES, I. Amor e submissão: formas de resistência da literatura de autoria feminina? IN: RAMALHO, C. (Org). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BAUMAN, Z. *Amor líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 4 ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução de Denice Barbaba Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.



_____. *Razões Práticas – Sobre a teoria da ação*. 7 ed. Campinas, SP : Editora Papirus, 1996.

BOZON, M. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

COELHO, N. N. *O erotismo na literatura feminina do início do século XX - da submissão ao desafio ao cânone*. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/vdletras3/nelly.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

CRAVEIRO, Lídia. Florbela, Espanca, uma vida perdida na neurose. IN: *O portal dos psicólogos*. 06 out. 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/TL0065.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2009.

DAL FARRA, M. L. Florbela: um caso feminino e poético. IN: _____. (Org.) *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ESPANCA, F. Cartas. Disponível em <<http://poesiaflorbela.multiply.com/reviews/item/8>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

_____. Charneca em Flor (1931, póstuma). IN: DAL FARRA, M. L. (Org.) *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Livro de Mágoas (1919). IN: DAL FARRA, M. L. (Org.) *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Reliquiae (1931, póstuma). IN: DAL FARRA, M. L. (Org.) *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Sórora Saudade (1923). IN: DAL FARRA, M. L. (Org.) *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Trocando Olhares (1915-1917). IN: DAL FARRA, M. L. (Org.) *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GALVÃO, R. *Florbela Espanca/ Poetisa: 1894-1930*. Disponível em: http://www.vidaslusofonas.pt/florbela_espanca.htm. Acesso em: 20 dez. 2004.

SCOTT, J. W. *A Cidadã Paradoxal – as feministas francesas e os direitos do homem*. Tradução: Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, jul/ dez. 1990. (p. 5-22)

XAVIER, E. Para além do cânone. IN: RAMALHO, C. (Org.) *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

Recebido para avaliação em 13/05/2010
Aceito para publicação em 19/09/2010